

ESCUTAR NÃO É AUSCULTAR¹

Luciane Batista

“Freqüentemente vale mais a pena não compreender para pensar, e pode-se galopar léguas para compreender sem que o menor pensamento disso resulte”. LACAN - *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder.*

As reflexões que ensejaram a elaboração deste trabalho foram surgindo retrospectivamente, ao falar em supervisão sobre Manoel, que me procurou cheio de sintomas expressos no corpo: sentia dores no peito, sensação de sufoco, contraturas muscular e anestésias nos braços e pernas. Recordo que, inicialmente, me detive em “auscultar” os sintomas, presumindo tratar-se de uma histeria de conversão, onde o corpo tomado em sua dimensão significativa apresentava uma diversidade de efeitos somáticos, que colocavam em cheque a medicina.

Dentro de uma lógica formal, as hipóteses de trabalho costumam ser estruturadas a partir das correlações estabelecidas entre os sintomas e a identificação de um diagnóstico. É o que ocorre na medicina, por exemplo, onde os sucessos terapêuticos dependem, em forte escala, da existência dessas correlações. Existe um certo determinismo orgânico, de forma que a habilidade de “auscultar”, no sentido de sondar e inquirir, se insere como fundamental na clínica médica.

Como então lidar com a causalidade psíquica, onde os fatos nos levam a constatar que não há relações estáveis entre as causas psíquicas e os efeitos sintomáticos na determinação de um diagnóstico? Onde observamos, por exemplo, o componente exibicionismo presente tanto na perversão como na histeria. Ou ainda, sujeitos histéricos com sintomas de conversão somática e outros mais concentrados nos componentes fóbicos ou de angústia? O que fazer com a constatação de que os sintomas são elementos pouco confiáveis numa avaliação diagnóstica, por sua natureza metafórica, com valor significativo aleatório?

Como liberar nossa escuta do hábito de pensar cartesianamente, relançando-a na escuta do inconsciente, própria ao trabalho analítico, o que por sua vez não significa escutar ao sabor das nossas fantasias?

Sobre essas questões, o que aprendemos com Lacan é que o fio condutor que devemos seguir na análise é o dizer daquele que se escuta, pois é no dizer que algo da estrutura do sujeito é localizável. O problema da avaliação diagnóstica se coloca assim ao nível do “dizer” do paciente, e não ao nível dos conteúdos na ordem do seu “dito”. Daí resulta ser a escuta o principal instrumento de discriminação diagnóstica, a qual deve ter prioridade sobre o saber nosográfico e as explicações causalistas.

¹ Texto apresentado na Jornada de Estudos do Traço Freudiano Veredas Lacanianas em 29.04.2004.

É necessário então romper com o pacto da significação, não escutando um nome de uma compreensibilidade suposta. Nosso campo é o da fala e da linguagem, e aí o que importa é o efeito de significante, daquilo que o sujeito por falar, diz. Diz, sem saber o que diz, por desconhecer e se surpreender com as formações do inconsciente na sua própria fala.

Trata-se de privilegiar o literal, os tropeços da fala, os esquecimentos, os atos falhos e os sonhos, que permitem a revelação das formações do inconsciente. É no erro, no particular, na dissonância, que podem se presentificar ditos novos ainda não ditos.

Cabe aqui um comentário de Lacan nos Escritos, no capítulo sobre *A Direção do Tratamento e os Princípios do seu Poder*, realçando o fato de que o inconsciente é visível na “fala” e não algo intocável, oculto nas profundezas: “*É na superfície que a profundidade é visível, como herpes em dia de festa a florescer no rosto*”. Nesse sentido, o analista só pode tratar do inconsciente a partir do dizer do analisante, uma vez que o inconsciente é um saber que se inscreve com significantes. Se o que está em jogo é apenas um efeito, a referência é da estrutura, escritura que se desgarrar do senso, afastando as causas, ou melhor, sua causa é outra, vem do inconsciente.

A escuta analítica exige, portanto, um distanciamento daquilo que faz sentido fácil. Distanciamento dessa compreensibilidade suposta que Lacan nos apresenta no Seminário das Psicoses: “*Não compreender conforme a uma seqüência de idéias*” Ele diz que restituir o sentido na cadeia dos fenômenos não é falso em si, o que é falso é conceber que o sentido de que se trata é aquele que se compreende imaginariamente.

Será preciso, pois, renunciar às tentações do imaginário, que nos seduz pelos alívios que pode proporcionar. Renunciar a um sentido da compreensão, que traz uma explicação e que tem, como efeito, o bem-estar da ilusão de poder saber de tudo o que está para trás e para frente. Se o inconsciente funcionasse de acordo com o raciocínio da lógica formal: “Se A então B”, compreenderíamos tudo e aí estaríamos calmos para sempre! Entretanto, não é essa a lógica que preside o nosso inconsciente.

Encontrei outros argumentos que se contrapunham à importância de se “auscultar” os sintomas, no livro *Estruturas e Clínica Psicanalítica*, de Joël Dor: “*a intervenção terapêutica terá eficácia apenas se conseguir desmobilizar a economia neurótica do desejo, ou seja, se levá-lo ao nível estrutural, para além das manifestações periféricas dos sintomas*”.

Falar de estrutura implica em colocar em cena os amores edipianos, onde se constitui para todos a base de uma estrutura psíquica, ou, como afirmava Freud, a escolha de sua própria neurose.

Assim acontece para com a organização das estruturas perversas e neuróticas, que se constituem nas interferências dos desejos recíprocos da mãe, do pai e da criança, em relação ao objeto fálico.

Do ponto de vista da estrutura, o primeiro momento decisivo é aquele em que se inicia o questionamento da identificação fálica. Diante da angústia de castração, o sujeito

pode buscar soluções diferentes. Aceitar a incidência de castração sob a reserva de continuamente transgredi-la (perversões). Submeter-se à castração, mas desenvolver toda uma nostalgia sintomática diante da perda sofrida (histéricos e obsessivos).

Na histeria, o significante da castração é simbolizado. O preço a se pagar por essa simbolização manifesta-se essencialmente no registro da nostalgia fállica. O histérico desenvolve então uma afeição particular pela dimensão do semblante, na medida em que é aí que ele pode sustentar seu narcisismo fállico, oferecendo-se ao olhar do outro como encarnação do objeto ideal do seu desejo, “objeto brilhante que fascina o outro”. Dessa forma, ele tenta frustrar o inevitável encontro com a falta.

O histérico se fixa assim em torno da problemática do ter e do correlato não ter (o falo), questionando e contestando a atribuição fállica paterna, sendo na reivindicação do ter (o falo) que se manifestam os traços mais notáveis da histeria.

Retorno a Manoel, a um período da sua análise, marcado pela repetição de sonhos, que me surpreenderam pela insistência em reinscrever o conflito latente gerado pela rivalidade fállica com o pai. Repetição que parecia buscar uma abertura de sentido para além do mesmo, fazendo aparecer novas conexões associativas, deixando cair a máscara do recalque.

OS SONHOS

Um ladrão tentava forçar a entrada na casa pelo portão da frente
Eu ouvi o barulho e o movimento da chave na fechadura do portão
corri para o quarto dos meus pais para pegar as *“armas dele”*
Ele e minha mãe estavam dormindo. Não queria acordá-los
Procurei as armas no local onde imaginei que pudessem estar... mas não encontrei
Procurava... procurava e não encontrava
Era uma agonia, porque o ladrão já deveria estar dentro da casa

Estou na cidade “x” a negócios
Hospedado num hotel de luxo
De lá posso ver o hotel onde meu pai se hospeda quando viaja para aquela cidade
Ele me diz que o hotel é simples, mas muito bom
Fico pensando: *“ele que pode mais do que eu”*, não tem coragem de pagar
Uma diária tão cara

Se ele soubesse que estou hospedado aqui, iria me criticar.

Esses e outros sonhos, produzidos em torno da rivalidade fálica com o pai, pareciam forçar o caminho para que traços mnêmicos recalçados se fizessem representar em imagens dominantes do sonho. A compulsão em repetir tais sonhos, tal qual a compulsão de repetir na transferência, invadia as noites de Manoel, impondo-se a ele sem lhe dar trégua. “Um sonho veio a mim” escreve Freud, para ressaltar o quanto somos assujeitados a estas revelações do nosso inconsciente.

Volto aqui a citar Lacan nos *Escritos*, no capítulo sobre *A Direção do Tratamento e os Princípios do seu Poder*, ao se referir ao sonho da bela açougueira: “o desejo não se escamoteia com facilidade, por ser visível demais, plantado bem no meio do palco, como aqui, sob a aparência de um salmão. O que assim encontramos não tem nada de microscópico, tal como não há necessidade de instrumentos especiais para reconhecer que a folha tem traços de estrutura da planta de que é deslocada”.

Sendo os sonhos textos sagrados a serem decifrados, acompanhei Manoel no tecer de suas associações, desvelando, através delas, impressões que jamais foram esquecidas, apenas tornadas inacessíveis, porque recalçadas. Prossegui então a escutar e não “auscultar”, como diz Lacan no capítulo sobre *A Direção do Tratamento e os Princípios do seu Poder*: “Que seja para além do sintoma que se acomode nossa escuta, quando simplesmente tomo o caminho de ouvir e não de auscultar”. “Não se trata de auscultar a resistência, a tensão, a palidez, a descarga de adrenalina em que se reconstituiria um Eu mais forte. O que escuto é por ouvir e ouvir não me força a compreender”. O ato de compreender já traz nele o passado, referências a partir das quais se pode compreender. Faz relação com o universal, deixando escapar aquilo que é da ordem do inovador.

Guiar o tratamento seria, portanto, saber fazer advir o saber do analisante, fazer emergir esse saber que não é um saber consciente, mas um outro saber que o analisante e analista ignoram. Requer do analista uma espécie de disponibilidade para se surpreender, para escutar como na primeira vez.

Do lado do analista, supõe-se que ele suporte e reconheça o seu não saber da particularidade do desejo do analisante. Posição que remete à castração, ao mal-estar de ocupar a posição de semblante, renunciando a seu próprio semblante, desgarrando-se do seu próprio desejo. É abdicar da idéia de saber alguma coisa, na busca de um saber que advém dos efeitos de surpresa que a presentificação do inconsciente traz.

Sigo a acompanhar Manoel na vereda aberta pelos seus sonhos, reconstituindo os elos da cadeia significativa, excluídos do conteúdo manifesto. Testemunho que a vida onírica sabe muito bem como obter acesso ao material esquecido dos primeiros anos da infância.

Os sonhos, como espelhos móveis, a refletir os contornos deformados de uma outra cena inconsciente, foram permitindo a Manoel refazer uma maior intimidade consigo

mesmo. Numa das sessões ele diz: “Só agora vejo que preciso me separar do meu pai”. “*O que é dele é dele, o que é meu é meu*”. Manoel parece se reposicionar na relação com o falo imaginário, demarcando os espaços ocupados por ele e pelo pai na conjunção do desejo e da falta.

Frase-núcleo:

" O que escuto é por ouvir e ouvir não me força a compreender, quando tomo o caminho de ouvir e não de auscultar".